

# VOZES FEMININAS E DISCURSOS SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO NO CASAMENTO MEDIEVAL NOS CONTOS DE GEOFFREY CHAUCER

Autor (1)<sup>1</sup> : Lídia Leite Santos

Orientador(a)<sup>2</sup> : Prof. Dra. Daniela Vendramini Zanella

**Resumo:** Este trabalho investiga as representações femininas e as concepções de casamento na sociedade medieval a partir da análise dos contos “A Mulher de Bath”, “O Conto do Estudante” e “O Conto do Proprietário de Terras”, de Geoffrey Chaucer. A pesquisa utiliza os estudos de gênero e o dialogismo bakhtiniano para interpretar como as vozes narrativas expressam diferentes posições sociais e ideológicas. Os resultados indicam que Chaucer constrói um panorama plural sobre o feminino, no qual surgem discursos de contestação, submissão e equilíbrio moral. A Mulher de Bath afirma autonomia e confronta a autoridade patriarcal; o Estudante apresenta modelo de obediência feminina que revela tensões entre moralidade clerical e sofrimento humano; o Proprietário de Terras propõe concepção de casamento baseada em reciprocidade e confiança. A análise demonstra que os contos funcionam como espaços de disputa simbólica, nos quais linguagem, poder e identidade se entrelaçam para revelar contradições da mentalidade medieval. Conclui-se que Chaucer oferece compreensão ampla sobre gênero e relações sociais, além de contribuir para reflexões contemporâneas acerca da construção histórica dos papéis femininos.

**Palavras-chave:** Chaucer; Era medieval; Papéis de gênero.

---

<sup>1</sup> Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil, [lidialeite050@gmail.com](mailto:lidialeite050@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil, Brasil. E-mail: [daniela.zanela@prof.uniso.br](mailto:daniela.zanela@prof.uniso.br). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5438619103724658> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0331-545X>

## FEMALE VOICES AND GENDER ROLES IN MEDIEVAL MARRIAGE IN GEOFFREY CHAUCER'S TALES

**Abstract:** This study investigates female representations and medieval conceptions of marriage through an analysis of Geoffrey Chaucer's "The Wife of Bath's Tale", "The Clerk's Tale" and "The Franklin's Tale". The research adopts gender studies and Bakhtinian dialogism to interpret how the narrative voices express distinct social and ideological positions. The results show that Chaucer constructs a plural view of the feminine, in which discourses of resistance, submission and moral balance emerge. The Wife of Bath affirms autonomy and challenges patriarchal authority; the Clerk presents a model of female obedience that exposes tensions between clerical morality and human suffering; the Franklin proposes a conception of marriage grounded in reciprocity and mutual trust. The analysis demonstrates that the tales operate as spaces of symbolic dispute where language, power and identity intertwine and reveal contradictions within medieval thought. The study concludes that Chaucer provides a broad understanding of gender and social relations as well as valuable insights for contemporary reflections on the historical construction of female roles

**Keywords:** Chaucer; medieval era; Gender roles.

## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a literatura medieval foi tratada como algo distante, quase um eco de um passado sombrio e ultrapassado. A noção moderna de “Idade das Trevas” construiu uma barreira entre nós e aquele período, produzindo a ideia de que homens e mulheres medievais eram menos racionais, menos humanos e menos civilizados. Essa visão revela certo orgulho moderno, que insiste em considerar-se o ponto culminante da evolução humana. No entanto, uma observação mais cuidadosa permite compreender que o mundo medieval apresenta uma complexidade muito maior do que a caricatura transmitida pela visão tradicional

Bakhtin (1987) afirma que a Idade Média foi marcada por intensos contrastes entre o sagrado e o profano, a autoridade eclesiástica e a voz popular, a norma e a transgressão. A Igreja, como principal instituição organizada após a queda do Império Romano, detinha os recursos necessários para manter a produção cultural e intelectual, o que levou à preservação majoritária de obras ligadas à cultura clerical. No entanto, paralelamente a esse universo oficial, o povo cultivava práticas culturais próprias, vivas e contestatórias, que funcionavam como contraponto à cultura dominante. Bakhtin (1987, p. 9) observa que “a cultura cômico popular não apenas coexistia com a oficial, mas oferecia uma visão de mundo alternativa”. Entre essas práticas populares estavam as festas carnavalescas, as farsas de rua, os cantos satíricos, as paródias religiosas e as representações improvisadas nas feiras. Todas essas manifestações expressavam humor, crítica social e liberdade simbólica, elementos que confirmam a existência de uma cultura paralela, vibrante e distante da suposta rigidez moral absoluta frequentemente atribuída ao período.

Grande parte da imagem negativa da Idade Média deriva da hegemonia eclesiástica sobre a produção cultural, o que facilitou a associação equivocada entre o período e uma cultura homogênea e exclusivamente religiosa. Todavia, como afirma Candido (2004, p. 35), “a literatura é sempre uma forma de conhecimento e de libertação”, o que significa que, mesmo sob restrições, ela conserva espaços de resistência, crítica e humanização. As narrativas que circulavam entre o povo demonstram essa vitalidade cultural, rompendo com a ideia de uma Idade Média silenciosa e uniforme.

Esse contexto também esclarece um dos preconceitos mais persistentes acerca do período: a imagem de que a mulher medieval ocupava exclusivamente o papel de esposa submissa, silenciosa e dependente. Essa representação, no entanto, não reflete a diversidade de experiências femininas. A posição da mulher variava conforme classe social, origem, fortuna e condições históricas. A análise literária revela que o feminino aparece de formas variadas e complexas, evidenciando construções sociais distintas. Scott (1990, p. 45) explica que “o gênero é uma categoria útil de análise histórica porque está ligado às relações de poder”, o que demonstra que os papéis atribuídos a homens e mulheres não constituem essências fixas, mas produtos de práticas culturais e simbólicas.

Nesse cenário, destaca-se Geoffrey Chaucer, autor de “The Canterbury Tales”, uma das obras mais significativas da literatura inglesa. Seus contos examinam o casamento, instituição fundamental da sociedade medieval, a partir de vozes e posições sociais diversas. Como observa Vizioli (2004, p. 12), Chaucer cria “um painel humano que concilia humor, crítica e profundo senso de realidade”, dando vida a personagens que revelam tensões morais, sociais e afetivas. Os contos analisados neste trabalho, “The Wife of Bath’s Tale”, “The Clerk’s Tale” e “The

Franklin's Tale”, ilustram de forma exemplar essas representações plurais sobre o papel da mulher e o matrimônio.

Chaucer não constrói uma imagem única ou estática do feminino. Ele fragmenta, ironiza e humaniza suas personagens, evidenciando como classe, poder econômico e posição moral do narrador influenciam as representações das mulheres. Bloomfield (1961, p. 58) destaca que Chaucer “cria uma sociedade literária em miniatura”, na qual vozes distintas se confrontam, revelando as fissuras de um mundo em transformação. Essa multiplicidade desafia generalizações e amplia a compreensão do casamento e do gênero na Idade Média.

Ler Chaucer ultrapassa o mero estudo da literatura medieval. A leitura de seus contos nos leva a questionar preconceitos modernos sobre tradição, poder e gênero. Butler (1990, p. 34) observa que o gênero é “a repetição estilizada de atos”, o que evidencia seu caráter performativo e mutável. A partir do argumento de Lévi-Strauss (1982), também compreendemos que o casamento funcionava historicamente como forma de troca entre grupos masculinos, em que a mulher se tornava um “signo de valor” no sistema de alianças, representando mais a identidade dos homens do que a sua própria. Chaucer utiliza essa realidade como matéria narrativa e a expõe sob humor, crítica e ironia.

O interesse por este tema surgiu durante as aulas de Literatura Inglesa, quando a leitura de um dos contos de “The Canterbury Tales” despertou o desejo de compreender melhor a escrita de Chaucer e o universo da literatura medieval. A descoberta da pluralidade das representações femininas motivou a investigação que orienta esta pesquisa.

Assim, o tema deste trabalho concentra-se na representação da mulher e do casamento medieval nos contos “A Mulher de Bath”, “O Conto do Estudante” e “O Conto do Proprietário de Terras”, analisados sob uma perspectiva crítica de gênero e dialogismo bakhtiniano. O objetivo geral consiste em analisar como essas narrativas constroem discursos distintos sobre o papel da mulher e o sentido do matrimônio na sociedade medieval, compreendendo a linguagem como espaço de disputa ideológica e formação de identidades sociais.

Ao analisar essas narrativas, este estudo pretende demonstrar que a literatura medieval conserva relevância no presente, pois ainda dialoga com debates contemporâneos sobre gênero, poder e identidade. Chaucer, ao representar a mulher e o casamento por múltiplas vozes, convida o leitor a refletir sobre o passado com humildade intelectual e curiosidade crítica. Talvez a maior lição da Idade Média, como sugere sua literatura, seja a compreensão de que o humano sempre apresentou contradições, multiplicidade e constantes processos de transformação.

## **1.2 Objetivos Específicos**

1. Investigar como a linguagem nos contos de Chaucer ressalta ou tensiona ideologias de gênero vinculadas à moral e à estrutura social da Idade Média.
2. Comparar as diferentes representações do feminino e do matrimônio nos três contos selecionados, observando de que modo o ponto de vista, a classe social e a voz narrativa influenciam a construção dessas imagens.

3. Analisar como as concepções medievais de gênero e poder presentes nas narrativas dialogam com debates contemporâneos sobre identidade, autonomia e desigualdade de gênero.
4. Refletir sobre a importância das leituras críticas e contextualizadas da literatura medieval no ensino, destacando o papel do professor como mediador de interpretações que articulem o passado literário às discussões sociais atuais.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Natureza, Abordagem e Objetivos**

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, com caráter bibliográfico e analítico-interpretativo. Seu objetivo consiste em analisar, sob uma perspectiva crítica de gênero e fundamentada no dialogismo bakhtiniano, as representações femininas do casamento medieval na obra *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer. Considera-se a linguagem como instrumento ideológico que reflete e tensiona relações de poder, ressaltando-se, também, a relevância de leituras críticas para o ensino de literatura e para a formação docente.

A adoção de uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa da investigação, que prioriza a compreensão de significados, contextos históricos e discursos literários, em vez da quantificação de dados. A análise literária é entendida como um processo de construção de sentidos resultante da interação entre texto, contexto e teoria.

### **2.2 Referencial Teórico-Metodológico**

O referencial teórico-metodológico articula duas vertentes centrais: a Análise Dialógica do Discurso (ADD) e os Estudos de Gênero.

A ADD fundamenta-se nas reflexões de Mikhail Bakhtin e do Círculo. Mobilizam-se os conceitos de dialogia e carnavalização para examinar as tensões entre discursos e vozes sociais presentes nos contos. A dialogia permite compreender como narradores e personagens contrapõem-se, negociam sentidos e constroem visões divergentes sobre a mulher e o matrimônio. A carnavalização introduz o riso, a inversão hierárquica e a crítica simbólica como mecanismos de questionamento da ordem social, conforme descrito por Bakhtin (1993).

A segunda vertente fundamenta-se nos Estudos de Gênero, especialmente nas contribuições de Joan Scott e Judith Butler. Para Scott (1990), o gênero constitui uma categoria histórica que organiza relações de poder e molda identidades sociais. Butler (2003) compreende o gênero como performativo, isto é, como conjunto de atos reiterados que produz a aparência de estabilidade identitária. Esses aportes teóricos permitem abordar as personagens femininas de Chaucer como construções discursivas situadas historicamente, e não como essências fixas.

Complementam esse referencial as reflexões de Volochínov (2017) sobre o caráter ideológico da linguagem, de Bloomfield (1961) e Le Goff (1994) sobre o imaginário e o contexto social da Idade Média, e de Candido (1972), cuja concepção da literatura como prática humanizadora orienta a discussão sobre a relevância pedagógica da leitura crítica.

### **2.3 Corpus**

O *corpus* analítico constitui-se de três contos de *The Canterbury Tales* que abordam diretamente o casamento e a condição feminina no período medieval:

1. The Wife of Bath's Tale (O Conto da Mulher de Bath);
2. The Clerk's Tale (O Conto do Estudante);
3. The Franklin's Tale (O Conto do Proprietário de Terras).

A seleção fundamenta-se na diversidade de vozes, posições sociais e perspectivas morais que esses contos apresentam, permitindo observar representações plurais do feminino e do matrimônio.

### **2.4 Procedimentos de Análise**

A análise será desenvolvida em três etapas interdependentes: contextualização, análise discursiva e interpretação crítica.

#### Etapa 1: Contextualização

Realiza-se a leitura contextual dos contos, relacionando-os ao horizonte social, religioso e moral do século XIV, com base nas reflexões de Le Goff (1994) e Bloomfield (1961). Busca-se compreender como o imaginário medieval moldava concepções de gênero, obediência, honra e autoridade conjugal.

#### Etapa 2: Análise Discursiva

A análise discursiva identifica vozes narrativas, enunciados centrais e tensões entre discursos que revelam conflitos de poder e identidade. A partir da dialogia, examina-se o modo como cada narrador articula interpretações singulares sobre o casamento e a mulher. A carnavalização auxilia na identificação de ironias, inversões simbólicas e críticas implícitas às hierarquias sociais. Observam-se, ainda, aspectos linguísticos — escolhas lexicais, modos verbais, estruturas sintáticas e figuras de linguagem — que influenciam a construção simbólica das personagens.

#### Etapa 3: Interpretação Crítica

Nessa etapa, articulam-se os elementos textuais às teorias de gênero de Scott (1990) e Butler (2003). A interpretação busca compreender como as representações femininas e as relações conjugais ressaltam, tensionam ou subvertem normas de gênero. Inclui-se a análise de procedimentos discursivos como ironia, ambiguidade moral e crítica social. Por fim, discute-se a relevância dessas leituras para o ensino de literatura, considerando, segundo Candido (1972), o papel formativo da leitura crítica na formação docente e no desenvolvimento da consciência social

## **2.5 Limites e Validade da Pesquisa**

Por tratar-se de estudo qualitativo e interpretativo, os resultados não possuem caráter generalizável, mas buscam oferecer uma leitura aprofundada dos contos selecionados. Reconhece-se como limite metodológico o uso de traduções do inglês médio, o que pode ocasionar pequenas variações de sentido. Entretanto, a abordagem dialógica e comparativa permite apreender a complexidade dos discursos, bem como sua relevância histórica, cultural e simbólica.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

### **3.1 Análise**

A coletânea “Os Contos da Cantuária”, escrita por Geoffrey Chaucer entre 1387 e 1400, é uma das obras mais emblemáticas do período medieval inglês. A narrativa se organiza a partir de uma peregrinação à Catedral de Cantuária, local onde se encontram as relíquias de São Tomás Becket. Durante a jornada, viajantes de diferentes classes sociais se reúnem em uma estalagem e, a partir da proposta do albergueiro, decidem contar histórias para tornar o trajeto mais agradável. Cada peregrino deveria narrar dois contos na ida e dois na volta, e o autor da melhor narrativa receberia como prêmio um jantar oferecido pelo anfitrião.

Esse artifício transforma a obra em um amplo mosaico social que reflete visões de mundo, valores e crenças distintas. Por meio dessa estrutura de múltiplas vozes, Chaucer constrói um retrato complexo da sociedade inglesa do século XIV, abordando moralidade, religião, poder, relações sociais e, sobretudo, o casamento e o papel da mulher. A presente análise concentra-se em três contos centrais para essa temática: “O Conto da Mulher de Bath”, “O Conto do Estudante” e “O Conto do Proprietário de Terras”.

A leitura segue os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que entende o texto literário como espaço de interação entre vozes sociais, ideológicas e linguísticas, as quais expressam tensões e contradições acerca do gênero e da condição feminina na Idade Média. Cada conto é analisado a partir dos eixos de contexto, descrição, aspectos linguísticos e discursivos e interpretação crítica.

#### **3.1.1 O Conto da Mulher de Bath**

“O Conto da Mulher de Bath” inicia-se com um longo prólogo no qual a narradora, Alisoun, expõe suas experiências pessoais no matrimônio. Casada cinco vezes desde os doze anos, ela se apresenta como alguém que fala com autoridade sobre os prazeres e os conflitos do casamento. Ao longo de seu discurso, Alisoun questiona interpretações tradicionais das Escrituras e afirma que Deus não proibiu o matrimônio múltiplo. A narradora desafia a moral dominante e defende o direito feminino ao casamento e à sexualidade.

Para justificar suas posições, ela recorre repetidamente à Bíblia. Na tradução de Vizioli, afirma: “Eu gostaria que me mostrassem onde e quando Deus altíssimo condenou expressamente o matrimônio. Digam-me, por favor. E onde ordenou Ele a virgindade? [...] Aconselhar não é o mesmo que ordenar” (CHAUCER, 2004, p. 105). Essa leitura evidencia sua estratégia de reinterpretar textos sagrados para fundamentar sua autonomia.

A linguagem do prólogo combina erudição e oralidade. Chaucer, no inglês médio, constrói um discurso vigoroso e cheio de nuances. Na tradução, Vizioli conserva o tom elevado e o colorido retórico por meio de vocabulário selecionado e sintaxe complexa. A fala da narradora é viva, irônica, argumentativa e marcada pela presença forte de uma mulher que reivindica espaço discursivo em um meio dominado por autoridades masculinas. Vizioli observa que Chaucer “soube preservar o bom humor e a tolerância” ao criar personagens multifacetadas, entre as quais a Mulher de Bath se destaca como figura de vigor e inteligência (VIZIOLI, 2004, p.10).

Do ponto de vista linguístico, o texto apresenta recurso amplo a figuras de linguagem, como ironia, metáfora e hipérbole, utilizadas para reforçar a autoridade e a experiência da narradora. As formas verbais variam entre pretéritos para narrar acontecimentos, presente para generalizações e subjuntivo para expressar hipóteses e desejos. A sintaxe é elaborada, com períodos extensos e subordinados que intensificam o caráter argumentativo. As orações adverbiais, especialmente as causais e concessivas, ampliam a expressividade e evidenciam a lógica interna de seu raciocínio.

O episódio envolvendo Jankyn, seu quinto marido, exemplifica o conflito entre autoridade masculina e resistência feminina. Após ser agredida por rasgar as páginas de um livro misógino, Alisoun relata ter perdido parcialmente a audição. Contudo, ela inverte a situação quando o marido, arrependido, queima o livro e promete não a subjugar novamente. Essa inversão revela não apenas a força da narradora, mas também o uso literário da carnavalização, pois transforma a rigidez da autoridade masculina em motivo de crítica e riso, conforme propõe Bakhtin (1993).

O conto que segue o prólogo reforça essa inversão: a moral final apresenta a soberania feminina como condição para a harmonia conjugal. Assim, o conto e seu prólogo constituem um discurso protofeminista, que desafia normas sociais e expõe contradições da moral clerical.

### **3.1.2 O Conto do Estudante**

Em contraste com a voz popular e irônica da Mulher de Bath, “O Conto do Estudante” apresenta tom erudito e moralizante. Narrado por um acadêmico de Oxford, o conto adapta uma história italiana relatada por Petrarca. O enredo apresenta Valter, marquês de Saluzzo, que, pressionado a se casar, escolhe Griselda, uma jovem camponesa humilde. Ele submete a esposa a provas cruéis que testam sua obediência extrema.

Griselda suporta todas as provações sem protesto, até que o marido revela o caráter fictício das provas. Embora o conto pareça enaltecer a submissão feminina, Chaucer introduz ambiguidade ao final: o Estudante avisa que sua narrativa deve ser entendida como alegoria da paciência cristã, o que cria distância irônica entre narrador e moral proposta.

A linguagem é formal e cuidadosamente estruturada. O narrador adota postura humilde, declarando sua simplicidade retórica, o que confere autenticidade ao discurso. O vocabulário inclui termos associados à honra, devoção e virtude, característicos da literatura moralizante. A morfologia verbal é variada e articula presente, pretérito e subjuntivo para expressar reflexões, ações passadas e possibilidades. A sintaxe é composta por períodos extensos, com orações subordinadas que intensificam o caráter didático e reflexivo do texto.

Figuras como metáfora e hipérbole reforçam o sofrimento de Griselda, transformando sua paciência em objeto de reflexão ética. A narrativa, vista sob o olhar bakhtiniano, contém tensão entre submissão e crítica. A obediência absoluta da personagem, levada ao extremo, expõe a crueldade do sistema patriarcal. Assim, o conto funciona como um discurso duplo, no qual o elogio aparente à virtude se entrelaça com uma crítica implícita ao abuso de autoridade.

### **3.1.3 O Conto do Proprietário de Terras**

“O Conto do Proprietário de Terras” propõe uma visão conciliadora sobre o casamento. O narrador inicia com reflexão sobre amor e respeito mútuo, afirmando que relações duradouras dependem de reciprocidade. Essa abertura estabelece tom moderado que contrasta com a submissão extrema vista no conto anterior e com a crítica irreverente da Mulher de Bath.

A história narra o casamento de Dorigen e Arviragus, construído sobre afeto e equilíbrio. Após a partida do marido, Dorigen lamenta sua ausência e, nesse período, recebe a corte de Aurélio, que promete realizar o impossível para conquistá-la. Dorigen, sem intenção de aceitar a proposta, afirma que só cederia se as rochas da Bretanha desaparecessem. Quando o jovem recorre a um mago e aparentemente cumpre a condição, ela acredita estar obrigada a honrar a promessa. Arviragus, entretanto, afirma que Dorigen deve cumprir sua palavra, demonstrando confiança e respeito. Aurélio, sensibilizado, renuncia ao acordo, e o mago perdoa a dívida.

A linguagem do conto é formal e equilibrada. O narrador utiliza vocabulário erudito, mas acessível, com referência à honra, virtude e amor cortês. O estilo combina descrição e reflexão moral, e o tempo verbal alterna entre presente, pretérito e subjuntivo. A sintaxe apresenta períodos longos e numerosas orações subordinadas, o que reforça a densidade argumentativa. Figuras como metáforas e hipérbolos intensificam a atmosfera poética do relato.

O conto segue o modelo do “lai” bretão, combinando poesia, nobreza moral e idealização do amor. Do ponto de vista discursivo, apresenta uma concepção de casamento fundada na igualdade e na cortesia. A narrativa ocupa posição intermediária entre os contos anteriores, articulando visão menos extrema e valorizando liberdade, respeito e compreensão mútua.

### **Conclusão**

A análise dos contos de Chaucer permite observar a amplitude de vozes e perspectivas sobre a mulher e o casamento na sociedade medieval. A Mulher de Bath apresenta discurso crítico e irônico, que questiona diretamente a autoridade patriarcal e reivindica autonomia feminina. “O Conto do Estudante” expõe a submissão levada ao limite, revelando, sob leitura crítica, uma reflexão sobre desumanização e abuso de poder. “O Conto do Proprietário de Terras” propõe equilíbrio por meio da reciprocidade e da honra, oferecendo alternativa à rigidez moral e às tensões extremas presentes nos outros contos.

Essas representações demonstram que, mesmo na Idade Média, não existia visão única sobre gênero e matrimônio. Os contos revelam disputas simbólicas e ideológicas, que se manifestam por meio de ironia, moralidade e inversão hierárquica. A carnavalização, conforme Bakhtin (1993), possibilita a crítica através do riso e da relativização das verdades oficiais, permitindo que Chaucer explore contradições sociais e morais de seu tempo.

A atualidade da obra decorre justamente dessa pluralidade. Chaucer expõe a complexidade humana e desafia visões fixas sobre gênero e poder. Assim, “Os Contos da Cantuária” permanecem relevantes como testemunho literário da condição humana e como fonte de reflexão sobre relações de gênero, autoridade e liberdade, tanto no passado quanto no presente.

### 3.2 Discussão

A análise dos contos “A Mulher de Bath”, “O Conto do Estudante” e “O Conto do Proprietário de Terras”, de Geoffrey Chaucer, permitiu compreender como o autor utilizou a linguagem e o discurso para representar a multiplicidade de papéis femininos e os sentidos atribuídos ao casamento na sociedade medieval. Por meio de narradores pertencentes a diferentes classes sociais, formações culturais e posições ideológicas, Chaucer criou uma rede de vozes que dialogam entre si e expressam concepções distintas sobre gênero, poder e

moralidade. Essa diversidade confirma a observação de Bakhtin (1993) de que “toda palavra é uma resposta a outra palavra, e todo enunciado vive de sua relação com o já dito e com o ainda não dito” (p. 94). Cada conto funciona, assim, como resposta simbólica às tensões de seu tempo e demonstra que as representações de gênero na Idade Média não eram fixas nem consensuais, mas atravessadas por disputas de sentido.

No conto “A Mulher de Bath”, Chaucer apresenta uma figura feminina notavelmente complexa para sua época. Alisoun fala a partir da própria experiência, e se autoriza como intérprete legítima da vida conjugal. Casada cinco vezes desde a juventude, ela utiliza sua vivência para contestar interpretações religiosas que associavam a virtude feminina à castidade e à obediência. A narradora ironiza tais leituras ao afirmar: “Eu gostaria que me mostrassem onde e quando Deus altíssimo condenou expressamente o matrimônio (...) E onde ordenou Ele a virgindade? Paulo aconselha, mas aconselhar não é ordenar” (CHAUCER, 2004). A longa citação evidencia sua habilidade de inverter a retórica clerical, reinterpretando textos bíblicos para legitimar seus desejos e sua autonomia. A ironia, não o riso explícito, mas a ironia crítica, torna-se instrumento de subversão, pois desestabiliza hierarquias discursivas e desloca a autoridade masculina tradicional.

Bakhtin (1993) explica que a carnavalização introduz “a suspensão provisória das hierarquias, a relativização das verdades absolutas e o rebaixamento crítico das autoridades” (p. 17). A Mulher de Bath encarna precisamente esse movimento. Sua apropriação paródica do discurso religioso transforma-se em um espaço de resistência simbólica no qual a voz feminina, frequentemente silenciada pelas estruturas clericais, assume centralidade.

A análise encontra fundamento também em Bloomfield (1961), que observa que Chaucer “não apenas refletiu as normas de seu tempo, mas as problematizou por meio da ironia e da criação de personagens que ultrapassam o limite histórico de sua própria época” (p. 42).

Le Goff (1994) acrescenta que o imaginário medieval funcionava como um mosaico de crenças e práticas contraditórias, combinando valores cristãos rígidos com costumes populares e visões plurais sobre a moralidade. Assim, quando Alisoun manipula a linguagem bíblica a seu favor, Chaucer expõe essas contradições internas da mentalidade medieval, na qual coexistiam normas severas e estratégias de transgressão circulantes no imaginário social.

A fala da narradora, marcada pela oralidade, pela argumentação retórica e pela ironia afiada, confirma a reflexão de Volochinov (2017), segundo a qual “a palavra é sempre o produto

vivo da interação social, carregada de intenções e saturada de ideologia” (p. 123). A Mulher de Bath não apenas relata sua história, mas reivindica um espaço discursivo que a cultura clerical tradicionalmente negava às mulheres, transformando sua narrativa em ato de afirmação identitária.

Em contraposição a essa voz insurgente, “O Conto do Estudante” apresenta uma perspectiva guiada pela erudição clerical e pela moral cristã. O narrador, um acadêmico de Oxford, situa-se claramente na esfera da cultura letrada e reproduz valores associados à obediência, paciência e virtude feminina. Griselda encarna o ideal da esposa submissa, que aceita, sem protesto, as provas cruéis impostas pelo marido. À primeira vista, o conto parece exaltar esse modelo. No entanto, a afirmação final do Estudante — “não tomem esta história ao pé da letra, mas considerem-na como exemplo de paciência cristã” (CHAUCER, 2004) — introduz uma ambiguidade interpretativa. A recomendação cria uma distância irônica entre o narrador e o próprio modelo que narra, sugerindo que a submissão extrema é tão exagerada que se torna digna de questionamento.

Essa duplicidade confirma a afirmação de Bakhtin (1993) de que “nenhuma voz discursiva é isolada, mas está sempre em relação responsiva com outras vozes” (p. 120). O conto do Estudante apresenta a submissão como ideal, mas simultaneamente expõe a crueldade desse modelo, abrindo espaço para a crítica.

A crítica feminista também ilumina essa leitura. Para Scott (1990), a naturalização das relações de poder sustenta a desigualdade entre os sexos, e Griselda representa essa naturalização levada ao extremo. Butler (2003) reforça esse ponto ao afirmar que “o gênero é uma repetição estilizada de atos” (p. 34), que cria a ilusão de identidade essencial. Griselda torna-se a personificação dessa repetição, mas o exagero das provas revela as falhas do modelo patriarcal, sugerindo que Chaucer convidou o leitor a problematizá-lo.

“O Conto do Proprietário de Terras” oferece uma perspectiva distinta e mais conciliadora. O narrador, inserido na classe dos proprietários rurais, concebe o casamento como relação fundada na reciprocidade e na honra. Dorigen e Arviragus estabelecem uma união baseada em confiança e liberdade, e suas decisões derivam da lealdade mútua. Quando Dorigen enfrenta o dilema moral causado pela promessa feita a Aurélio, Arviragus afirma que ela deve cumprir sua palavra, não por submissão, mas por integridade e verdade. Esse gesto simboliza o casamento como espaço de igualdade moral e emocional.

Bloomfield (1961) observa que, em Chaucer, “a virtude consiste em agir com consciência dentro das contradições da vida humana, e não em aderir cegamente a normas fixas” (p. 87). Le Goff (1994) complementa que a mentalidade medieval oscilava entre tensões e harmonias, entre espiritualidade e pragmatismo. O Proprietário de Terras, com sua ética de equilíbrio, reflete esse imaginário complexo, no qual práticas sociais se construíam entre ideais cortesês e necessidades cotidianas.

Com base nos conceitos bakhtinianos de dialogia, os três contos formam um tecido discursivo no qual vozes sociais distintas interagem, respondem e se contradizem. A Mulher de Bath apresenta o olhar da burguesia emergente; o Estudante incorpora a ideologia clerical; o Proprietário de Terras expressa a moderação da vida rural. Bakhtin (1993) afirma que “o sentido de um texto nasce na fronteira entre duas consciências” (p. 121), e é nessa fronteira que Chaucer constrói sua reflexão sobre submissão, resistência e equilíbrio. As visões sobre casamento e o papel da mulher emergem da posição social e do horizonte ideológico de cada narrador.

Scott (1990) e Butler (2003) ampliam esse entendimento ao mostrar que o gênero é uma construção cultural que organiza práticas e legitima desigualdades. As personagens femininas de Chaucer revelam tanto a força dessas normas quanto suas zonas de instabilidade. A literatura medieval, assim, funciona como espaço simbólico no qual as ideologias de gênero se formam e se transformam, permitindo ao leitor contemporâneo identificar continuidades e rupturas.

A leitura de Chaucer ultrapassa o campo literário. Candido (1972, p. 54) observa que “a literatura humaniza porque organiza o caos da experiência e amplia nossa compreensão de nós mesmos”. Ao trazer “Os Contos da Cantuária” para a sala de aula, o professor possibilita que estudantes percebam como discursos do passado dialogam com debates atuais sobre autonomia, identidade e poder. Compreender a pluralidade medieval evita o risco do egocentrismo histórico, pois, como afirma Candido (1972, p. 59), “quem ignora o passado tende a julgar-se o ápice da civilização”.

As personagens de Alisoun, Griselda e Dorigen demonstram que, mesmo sob estruturas rígidas, existiam possibilidades de resistência e negociação de sentido. A ironia e a dialogia transformaram o texto em espaço de liberdade interpretativa. Assim, “Os Contos da Cantuária” permanecem como testemunho da complexidade humana e da capacidade da literatura de provocar reflexão, desconstruir certezas e abrir caminhos para novas interpretações sobre gênero, sociedade e poder.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as representações femininas e os discursos sobre o casamento medieval nos contos “A Mulher de Bath”, “O Conto do Estudante” e “O Conto do Proprietário de Terras”, de Geoffrey Chaucer, sob uma perspectiva crítica de gênero e fundamentada no dialogismo bakhtiniano. A investigação examinou como as vozes narrativas construíram diferentes leituras sobre o papel da mulher e o sentido do matrimônio na sociedade medieval, relacionando linguagem, poder e identidade.

Os resultados demonstraram que Chaucer apresentou um conjunto plural de perspectivas sobre o feminino, revelando tensões entre submissão, autonomia e busca de equilíbrio nas relações conjugais. A Mulher de Bath destacou a contestação das normas patriarcais e evidenciou a linguagem como instrumento de resistência. O Estudante, com a história de Griselda, reafirmou o ideal clerical de obediência feminina, ainda que marcado pela ambiguidade crítica de seu desfecho. Já o Proprietário de Terras propôs um modelo conjugal baseado em reciprocidade e igualdade moral, oferecendo alternativa mais harmoniosa às posições extremas dos demais contos.

A análise evidenciou que os contos funcionaram como espaços dialógicos nos quais discursos sobre gênero, poder e moralidade se confrontaram. A aplicação das reflexões de Bakhtin sobre dialogismo e carnavalização mostrou que Chaucer utilizou a ironia para relativizar verdades consideradas absolutas e questionar hierarquias sociais. As contribuições de Scott e Butler permitiram compreender o gênero como construção histórica e performativa, enquanto Candido reforçou a função humanizadora da literatura, essencial para a formação crítica e ética do leitor.

A metodologia qualitativa e analítico-interpretativa confirmou-se adequada aos objetivos da pesquisa, permitindo integrar elementos históricos, discursivos e linguísticos. O

referencial teórico mostrou-se coerente e suficiente para aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais e do imaginário medieval.

Concluiu-se que Chaucer, ao reunir múltiplas vozes e perspectivas, construiu uma obra que ultrapassou seu tempo e refletiu com sofisticação sobre gênero, poder e condição humana. Embora esta pesquisa não tenha aprofundado plenamente a dimensão da formação docente, os resultados indicaram que o estudo dos contos de Chaucer pode enriquecer práticas pedagógicas e ampliar o repertório interpretativo de professores de linguagens e literatura. A presença de múltiplos discursos e tensões convida o docente a pensar a literatura como espaço plural e dinâmico, capaz de estimular leituras críticas das construções históricas de gênero. No entanto, a aplicação desses achados ao campo educacional exige investigação específica e mais aprofundada, a ser desenvolvida em estudos posteriores.

## 5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1993.

BLOOMFIELD, Morton W. **Chaucer's World**. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ática, 1972.

CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. Tradução e organização de Francisco Vizioli. São Paulo: Hedra, 2004.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Tradução de Maria José Figueiredo. Lisboa: Estampa, 1994.

SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1990.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão aos meus avós, que, embora privados de oportunidades e nunca tendo aprendido a ler, cultivaram em seus filhos o valor imensurável da educação. Esse legado de esperança e persistência foi herdado por minha mãe e meu pai, que desde cedo me guiaram e inspiraram no mundo das letras, conduzindo-me com paciência e amor desde as páginas coloridas dos gibis até as densas e reflexivas obras de trezentas páginas. Cada livro foi um degrau, cada história, uma semente.

Esse esforço geracional, silencioso e contínuo, moldou quem sou hoje. Por isso, dirijo meus agradecimentos a toda a minha família, que me ensinou com seu exemplo que na vida sempre há um caminho, sempre existe um jeito de seguir adiante.

Também manifesto minha gratidão pelo apoio incondicional das minhas amigas e amigos de curso: Nathaly, Sophia, Yasmin, Patrick e Mateus. Além do suporte emocional, das

risadas e momentos descontraídos, só posso agradecer por cada experiência compartilhada. Unidos, sempre criamos trabalhos significativos e belos, e é com um coração transbordante de orgulho que concluo esta jornada universitária, honrada por tudo que construímos juntos.

Por fim, agradeço a todos os meus professores universitários, com menção especial à professora Daniela, que não apenas nos transmitiu conhecimento, mas também nos encorajou a abrir as asas e voar, apontando com clareza e generosidade os melhores caminhos a seguir.